



*Relato de experiência*



# O jornal integralista *Acção*: o trabalho com fontes em acervos digitalizados

Angela Aparecida Teles<sup>1</sup>

Bruno Taumaturgo Bandeira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente texto apresenta um relato de experiência do exercício de análise de fonte histórica. Entre as diversas possibilidades, lançou-se mão da imprensa periódica, realizando o exercício através da primeira edição do jornal integralista *Acção*, datado de 7 de outubro de 1936. O texto discute as questões e possibilidades apresentadas pelo impresso. Transformando-se em partido político, definição distinta da condição de seu surgimento em 1932, a AIB (Ação Integralista Brasileira) pretende se inserir com densidade no cenário político brasileiro a partir de 1935, para isso, desenvolve uma relação forte com a imprensa, o rádio e a literatura. Nesse sentido, apresenta-se aqui uma possibilidade de análise do material da imprensa produzido pelos integrantes da AIB, nesse período de intensificação do exercício político nas mídias daquele período.

**Palavras-chave:** Imprensa. Integralismo. Fonte histórica. Imprensa como fonte.

**Abstract:** The present article shows an experience report about the exercise of historical source analysis. Among several possibilities, we choose the periodical press, performing the exercise with the first edition of the newspaper integralist called *Acção*, dated from October 7th, 1936. The paper yet seeks to discuss the issues and possibilities presented by this newspaper. Becoming a political party, distinct function than the condition of the emergence in 1932, the AIB (Ação Integralista Brasileira) intends to enter with density in the Brazilian political scene in 1935, because of it, it develops a strong relationship with the press, the radio and the literature. In this way, we present here an opportunity to analyze the material printed produced by the members of the AIB, in this period of political intensification engagement in the media of that period.

**Keywords:** Press. Integralism. Historical source. Press as a historical source.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta II no curso de História da Universidade Federal de Uberlândia / FACIP.

<sup>2</sup> Graduando no curso de História da Universidade Federal de Uberlândia/FACIP. Bolsista do Programa de Educação Tutorial.

O presente texto tem como objetivo apresentar um relato de trabalho com fonte histórica a partir de acervos digitalizados. Trata-se do periódico *Acção*, edição nº 01 de 7 de outubro de 1936, disponível no site do Arquivo Público do Estado de São Paulo<sup>3</sup>. O trabalho contribui para a melhor apreensão do jornal como linguagem específica e fonte histórica complexa ultrapassando a ideia de objetividade ou de mera informação descontextualizada. Também apresenta as inúmeras possibilidades abertas à pesquisa histórica a partir dos acervos digitalizados.

Dotada de forte intencionalidade, a imprensa pode ser compreendida como material suspeito para a pesquisa em história. Lidar com esse dado torna-se essencial, uma vez que os vestígios do passado em qualquer materialidade estão carregados de subjetividade.

Além disso, é preciso considerar que o trabalho com fontes históricas requer um tratamento específico que dê conta de suas singularidades. No caso dos jornais e outros materiais impressos, o procedimento de seleção, análise e interpretação torna-se muito específico, já que nenhuma fonte existe “para que os historiadores e cientistas sociais façam sua pesquisa. Transformar um jornal ou revista em fonte é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que

supõe seu tratamento teórico-metodológico”<sup>4</sup>.

Todo material do passado está carregado de sentidos próprios de seu tempo, em que o pesquisador, ocupado por sua problemática de pesquisa, deve apostar alcançar. Nesse sentido, a imprensa deve ser enfrentada como parte de constituição do social.

Trata-se de entender a imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e quer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe<sup>5</sup>.

Ela existe em meio aos conflitos e tensões, e aos próprios temas e questões que pretende levantar. Por isso, sua presença na pesquisa histórica não pode se dar como anunciadora das ações do passado, ainda que se levante a subjetividade dos conteúdos.

É preciso também ir além dos dados de subjetividade dos textos, da magia das imagens e da sedução da publicidade. O material impresso é a apresentação de todas as possibilidades com as quais um determinado jornal se defrontou e resolveu materializar. Um impresso é a

<sup>3</sup> O Arquivo Público do Estado de São Paulo possui em seu catálogo de jornais digitalizados e disponíveis para consulta os exemplares do jornal *Acção* de 07/10/1936, de 03/10/1937 e de 04/01/1938. Também possui o exemplar nº 20 da Revista *Anauê*, de outubro de 1937.

<sup>4</sup> CRUZ, Heloísa de; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e imprensa. In: *Projeto História*, São Paulo, n.35, dezembro 2007, p. 258.

<sup>5</sup> CRUZ, Heloísa de; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e imprensa. In: *Projeto História*, São Paulo, n.35, dezembro 2007, p. 258.

anúnciação de um projeto que vai além da organização inocente de seus conteúdos. Ali se encontra um projeto que orientou e possibilitou a organização, seleção, produção e materialização dos conteúdos, por isso as possibilidades de interpretação dos periódicos vão além da leitura dos conteúdos (artigos, textos, publicidade, cartas, imagens, etc.) publicados pelos jornais.

Em outra vertente da pesquisa histórica com os periódicos, a partir dos pressupostos da História Cultural, Tânia Regina de Luca aponta temáticas que podem ser abordadas a partir da imprensa como trabalho, cidade e imprensa; imprensa e mundo das letras; as revistas ilustradas; a imprensa, política e censura e a materialidade dos impressos por meio das técnicas de impressão. Sobre a questão da objetividade e neutralidade da imprensa, Luca afirma que:

[...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeram como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão aliás, que está longe de ser exclusiva do texto e da imprensa<sup>6</sup>.

São orientações metodológicas para a construção da narrativa histórica atra-

vés dos periódicos que em algum tempo mobilizaram-se em prol da notícia, da produção de sentidos, da realização de desejos, projetos, etc. Os procedimentos adotados para a análise do *Acção* se pautaram nas reflexões metodológicas de Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário C. Peixoto. Essas autoras recomendam um roteiro de análise de periódicos que pretende investigá-los em sua complexidade, buscando no seu interior as questões presentes na sua conjuntura histórica, não permitindo que o jornal se transforme em fonte de reafirmação e ilustração de temas e questões de uma realidade externa ao projeto editorial/político e da construção de realidade que orientam e definem os impressos.

Entretanto, no tocante a materialidade dos impressos, é Tânia Regina de Luca que nos previne de não se perder de vista que a dimensão física do jornal, a textura e qualidade do papel – em suma, sua materialidade – é um dado importante de problematização para o historiador. De acordo com ela, a forma também é uma possibilidade de existência.

Deve-se ter em vista que a grande variação na aparência, imediatamente apreensível pelo olhar diacrônico, resulta da interação entre métodos de impressão disponíveis num dado momento e o lugar social ocupado pelos periódicos [...] as máquinas velozes que rodavam os grandes jornais diários do início do século XX não eram as mesmas utilizadas pela militância operária, o que conduz a outro aspecto do problema: as funções

<sup>6</sup> LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 139.

sociais desses impressos <sup>7</sup>.

Mesmo no trabalho de análise de fontes digitalizadas, como o jornal *Acção*, devemos atentar para a questão da materialidade, pois ela define, produz e organiza os conteúdos.

A análise que se apresenta aqui não pretende dar conta de nenhuma problemática específica de pesquisa, mas apresentar o exercício minucioso de descrição e análise da primeira edição do jornal *Acção*.

A estrutura de observação oriunda da ficha de análise das historiadoras Heloísa De Faria Cruz e Maria do Rosário C. Peixoto problematiza o projeto editorial/gráfico do jornal em três momentos. Primeiro, na organização e distribuição dos conteúdos entre as páginas do jornal que podem ser identificados como os cadernos, as seções, as colunas entre outros e que possibilitam que o projeto político e ideológico do jornal ganhe materialidade entre as dimensões do papel. Segundo, na produção e distribuição onde se espera identificar os proprietários, diretores, redatores e colaboradores que podem indicar a:

Constituição dos grupos produtores enquanto força social que orienta e propõe o projeto político do periódico [...] Essa compreensão torna pertinente perguntar quem fala com que credenciais e defesa de que projeto e com quais alianças<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 132.

<sup>8</sup> CRUZ, Heloísa de; PEIXOTO, Maria do Rosário

Ainda nessa segunda análise, é necessário também questionar as condições técnicas que possibilitam a existência do jornal, como os suportes tecnológicos, as técnicas de impressão e etc., como também a tiragem, o preço, as formas de venda e distribuição. Por último, a análise do lugar de atuação, perguntando pelo espaço de distribuição e circulação no qual o jornal está inserido permitindo a visualização dos usos sociais dos periódicos na rede de comunicação e a ação que ele pretende nos lugares de destino e os grupos, classes, gostos que pretende encontrar.

Ainda é preciso afirmar que nenhum destes aspectos deve ser tratado de forma isolada. Cada análise conflui para um entendimento global do impresso, pois nenhuma das informações encontradas entre os limites das páginas do jornal foram publicadas ao acaso; são o produto de um processo de edição, seleção e permissão daqueles que orientam a criação do projeto editorial do jornal.

A análise proposta origina-se da possibilidade de acesso ao periódico pelo uso da tecnologia digital. É interessante que nunca se perca a visão global dos impressos, de sua textura, materialidade, formas, desenhos, etc., que muito tem a nos dizer sobre o projeto político editorial de um determinado jornal. Entretanto, verifica-se que novos suportes digitais permitem uma experimentação do jornal em uso privado, distante dos arquivos. A

da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e imprensa. In: *Projeto História*, São Paulo, n.35, dezembro 2007, p. 263.

fotografia, a digitalização e a troca de dados pela rede nos apresentam uma nova forma de arquivamento de dados, ampliando o alcance e usos de quaisquer fontes.

Se tais recursos são frágeis pela velocidade das alterações tecnológicas, ainda temos pouco tempo para produzir reflexões mais consistentes. O que nos vale é uma observação de que o material virtual mantém maior proximidade da materialidade visual da fonte. No caso dos impressos, permitem uma visualização de mais qualidade em oposição a outras formas de arquivamento que não as cópias originais, como a microfilmagem, que diminuem a possibilidade de observação da textura e formas do jornal.

A observação digital está em sintonia com as orientações metodológicas que indicam a análise do projeto gráfico editorial, pois possibilita uma leitura mais próxima do que é o vestígio do jornal, e de uma maior aproximação com a qualidade física que se pretendeu tais impressos.

### **Acção: descrição, análise e interpretação**

O jornal *Acção* foi publicado em São Paulo sob a direção de Miguel Reale, um dos principais líderes do movimento integralista. Paulista, nascido em 1910, formado em Direito pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, Reale foi secretário nacional de Doutrina e membro do conselho supremo da AIB<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> CYTRYNOWICZ, Roney; MAIO, Marcos Chor. *Acção Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938)*. In: FERREIRA,

Na sua primeira edição, o jornal *Acção*<sup>10</sup> propõe um direcionamento político explícito: a ênfase no Integralismo como grupo, partido e regime abraçando todas as classificações possíveis e favoráveis à ideologia desse movimento político. A primeira edição possuía 06 páginas. Se comparada a primeira página do jornal com as outras, verifica-se uma narrativa que reafirma ou retoma os assuntos apresentados nessa primeira página. Mas o que surge na capa – vitrine da publicação – não possui o caráter introdutório de manchetes que serão concluídas no restante da edição, algo muito comum nos projetos gráficos dos jornais. Ao contrário, temos textos completos já na primeira página da edição.

As notícias abordadas na primeira página servem como introdução aos temas que se manifestam em todo o editorial, como a lembrança da morte de dois “camisas-verdes” na mesma data de 7 de outubro do último ano e a perseguição aos integralistas na Bahia que aparecem como forma de justificativa do crescimento de adeptos ao Integralismo. Por último, utilizando a lembrança da morte de integralistas como forma de fortalecer a promoção de uma imprensa que narre os fatos com “neutralidade”.

Na introdução do artigo que anuncia as perseguições do governador da Bahia, Juracy Magalhães, aos integralistas temos a seguinte fala:

Jorge; DELGADO, Lucilia de A. Neves (Org.). *O Brasil Republicano 2*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 39-61.

<sup>10</sup> *ACÇÃO*, São Paulo, nº 1, 07 de outubro de 1936. Disponível em: <<http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

O drama que os integralistas vêm vivendo sob a truculência do governo Juracy Magalhães não é conhecido do público paulista por falta de uma imprensa que a informe dos acontecimentos nacionais sem as peias do interesse partidário ou de grupos <sup>11</sup>.

Ainda no mesmo artigo há outra forma de justificação, que dessa vez ultrapassa a linha de atribuição de importância de uma imprensa “neutra”:

A sem razão e a injustiça dessas acusações nós as mostraremos ao público paulista, através de sucessivas reportagens, em que fixaremos as palavras insuspeitas de vultos proeminentes da justiça, da política e da dominação nacional, completamente alheios ao nosso movimento e suficientemente idôneos para serem acatados por todos.

E então se verá que lado está o perigo para a ordem e as instituições nacionais: se do lado Integralista, que prega o respeito à lei, às autoridades constituídas e que conquista adeptos através de metódica educação cívica do povo, ou se do lado do sr. Juracy Magalhães<sup>12</sup>.

De modo geral, a construção da necessidade de uma imprensa com interesses do Integralismo aparece na capa dessa edição, assim como os outros temas, abrindo os principais assuntos abordados nas páginas seguintes. O jornal

deixa claro qual o seu posicionamento, identifica quem são os inimigos e anuncia a importância da existência do grupo: os adeptos do Integralismo organizados desde 1932, como o movimento da Ação Integralista Brasileira (AIB).

O caráter introdutório de temas, como o descrito acima, encontra-se somente na capa. Como edição de lançamento, o exemplar possui um número menor de páginas (06) em relação às seguintes que chegam a atingir 16 páginas, por isso a importância da primeira página.

Um aspecto chama a atenção na edição: estrategicamente a página três, que no formato impresso do jornal ocupa uma segunda capa (modo como o leitor segura o jornal, aberto, onde a abertura do jornal o leva a visualizar a terceira página), traz o maior artigo de toda a edição, intitulado “Razões de Nossa Força” e assinado pelo chefe nacional do Integralismo, Plínio Salgado. O artigo com uma fotografia de Plínio Salgado centralizada na página apresenta o Integralismo falando sobre suas ações sociais, culturais e educacionais, além das diversas justificativas do partido/grupo afirmando o respeito à legalidade. Grupo político em constituição, pois de acordo com MAIO e CYTRYNOWICZ <sup>13</sup>, a Ação Integralista Brasileira foi fundada oficialmente em

<sup>11</sup> *ACÇÃO*, São Paulo, nº 1, 07 de outubro de 1936. p. 01. Disponível em: <<http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

<sup>12</sup> *ACÇÃO*, São Paulo, nº 1, 07 de outubro de 1936. p. 01. Disponível em: <<http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

<sup>13</sup> CYTRYNOWICZ, Roney; MAIO, Marcos Chor. *Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938)*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves (Org.). *O Brasil Republicano 2*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.



7 de outubro de 1932, mas somente em 1936 tornou-se partido político visando concorrer às eleições presidenciais de 1938. Por isso observamos o principal interesse no desenvolvimento de uma imprensa voltada aos interesses integralistas nesse período de 1936 a 1938.

Ao mesmo tempo, nota-se que mesmo direcionado aos interesses integralistas, o jornal *Acção* acompanha um padrão de imprensa: possui coluna de esportes, colunas sociais, indicação literária, notícias cotidianas, citações e frisos de outros jornais. Todas essas seções fazem campanha em prol da ideologia do Integralismo.

É possível fazer uma breve descrição de partes que ocupam a edição. Pela ausência de cadernos especiais, partes principais e colunas fixas, podemos realizar uma descrição por ordem de páginas. Descrito já acima, a capa e a terceira página como justifiquei, assumem a posição estratégica de segunda capa. Entre as demais páginas estão distribuídos artigos semelhantes, além de colunas de esportes, sociais e a última página que contém colunas curiosas.

Na segunda página, verificamos o mesmo roteiro das páginas quatro e cinco. Nelas estão dispostas várias citações de notícias internacionais em sintonia com o panorama de ascensão do fascismo na Europa. Cá e lá surgem, bem difusas, algumas propagandas. Fora desse roteiro, aparece apenas na página quatro um artigo comemorativo e orientador sobre a data festiva do Integralismo (*A Noite dos Tambores Silenciosos*). Bem dispos-

to nessa mesma página, segue do lado direito inferior um quadro com indicações de livros que são de autores integralistas.

Peculiar mesmo é a última página do jornal que, tal como a capa, tem um papel importantíssimo na construção do projeto editorial. Nela observamos um cabeçalho informativo com o nome do jornal, data, local e etc., assim como na capa. Seus artigos quebram relativamente a organicidade dos anteriores. São fatos impactantes, como por exemplo, “Barbaramente assassinado a golpes de picareta”, ou “Vibrou duas punhaladas na moça que repeliu suas propostas de casamento”. É a página dessa edição que possui mais imagens. Porém, seguem outras notícias que são costuradas entre os artigos sobre violência e morte. Como, por exemplo, “*Sap, na Bélgica, aconselha abandonar os velhos partidos para combater o comunismo*”. No extremo do cabeçalho aparece uma fotografia de um dos “*heróicos operários integralistas vitimados pelas balas assassinas de comunistas covardemente intocados*”, seguido por um texto heroizando as vítimas e, ao mesmo tempo, retomando o assunto da primeira página, destacado e ilustrado.

Como edição de lançamento, é possível observar três questões principais que orientam o discurso do jornal. São elas, a rememoração dos operários abatidos em 7 de outubro do último ano; a comemoração do quarto ano do lançamento do Manifesto de Outubro, comemorando-se, assim, também, o quarto ano do partido; e, por fim, o evento, na-

cional, que comemorará as duas festividades anteriores, principalmente o aniversário do partido.

Por isso na quarta página aparece um artigo direcionando o evento que se intitula “*A Noite dos Tambores Silenciosos*”, visando organizar os integralistas de todo o país na mesma noite e mesmo horário para agirem de acordo com as instruções do artigo:

Escolho para a realização desta cerimônia a noite de 7 de outubro, dia da fundação do Integralismo no Brasil.

Determino, pois, que, em todos os Núcleos Municipais, Distritos e Sedes Provinciais de todo o país se reúnam os camisas-verdes na noite de 7 de outubro, obedecendo o seguinte ritual:

I – Às 21 horas a autoridade máxima local abre a sessão, sentando-se, porém, na presidência o integralista mais pobre, mais humilde que representará o Chefe Nacional. Canta o Hino Integralista. Faz-se a chamada dos mártires do integralismo e dos mortos do Núcleo, respondendo todos: “Presente!”;

II – Procede-se a renovação do Juramento e o Juramento a Bandeira Nacional, segundo a fórmula no verso;

III – Leitura dos capítulos 1, 7, 8 e 10. Manifesto de outubro, explicando que não são lidos os seis restantes para não se prolongar;

IV – Fala um orador. Quando o relógio marcar meia noite em ponto, ergue-se a autoridade que estiver dirigindo os trabalhos e diz:

É meia noite – Em todas as cidades da imensa Pátria, nos navios, em alto mar, nos lares, nos quartéis, nas fazendas e estâncias, nas choupanas do sertão, nos hospitais e nos cárceres, os integralistas

do Brasil vão se concentrar três minutos em profundo silêncio.

É a noite dos Tambores Silenciosos! Atenção!<sup>14</sup>.

Essa determinação evidencia a importância dada pelos integralistas à teatralização e sacralização da política<sup>15</sup> que encontra no jornal um lugar de difusão. Esse artigo assinado por Plínio Salgado, Chefe Nacional da A. I. B., e por Marcel T. da Silva Telles, Chefe Provincial de São Paulo, dava instruções detalhadas do ato comemorativo. Há também o poema, a oração, e os dois juramentos, que seriam “impressos e entregues no dia”, pois compunham o rito.

Manifestam-se essas questões na presente edição que coincidem com datas especiais para o Integralismo: a morte de dois integrantes no ano anterior por inimigos e o complemento do quarto ano de existência do movimento. Por isso, a data de lançamento do jornal *Acção* é significativa e assinala para a construção de datas simbólicas para os integralistas por meio da imprensa.

Também na presente edição, aparecem algumas colunas de assuntos direcionados: a coluna de esportes, outra sobre assuntos sociais e uma terceira que se nomeia: “Diversões”.

Ainda restritas, as informações limitam-se entre um e dois artigos por

<sup>14</sup> *ACÇÃO*, São Paulo, nº 1, 07 de outubro de 1936. p. 04. Disponível em: < <http://www.arquivodoestado.sp.gov.br> >. Acesso em: 06 de maio de 2011.

<sup>15</sup> LENHARO, Alcir. Pátria como família. In: *Sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1986, pp. 19-51.

coluna, exceto nas “Diversões”, onde se encontram várias indicações de cinema e teatro. A localização dessa coluna encontra-se na penúltima página. Tais divertimentos não poderiam tomar a atenção dos leitores. As informações dramáticas da última página manteriam o leitor tenso e alerta ao perigo dos inimigos internos e externos.

Nessa edição, o jornal apresenta algumas colunas assinadas, como na primeira página, onde há uma matéria assinada pelo diretor Miguel Reale que ocupa todo o lado direito da primeira página do jornal. Outros artigos assinados também são encontrados, como o discurso de Plínio Salgado “Razões de Nossa Força”, na segunda e terceira páginas. Nesse artigo, Plínio Salgado e Marcel Telles orientam todos os integralistas em um evento nacional importante para o grupo, *A Noite do Tambores Silenciosos*, já mencionado.

Na composição iconográfica encontramos uma presença significativa. Há fotografias, ilustrações das propagandas, desenhos e retratos. A imagem mais notável encontra-se no alto da primeira página: um desenho dramático ilustrando o momento descrito pelo texto que introduz o tema do jornal:

Em 7 de Outubro de 1934, no Largo da Sé, tomaram Jayme Guimarães e Caetano Spinelli, heróicos operários integralistas vitimados pelas balas assassinas de comunistas covardemente atocaiados <sup>16</sup>.

A narrativa é eloquente e dramática. No desenho encontra-se um soldado abatido nos braços de outro, ambos caracterizados como integralistas. Nas mãos do soldado morto encontra-se a bandeira integralista. Essa imagem ocupa espaço expressivo na abertura do jornal reforçando o texto escrito.

As fotografias entre os artigos possuem caráter diverso. No discurso de Plínio Salgado, sua foto está centralizada no texto que, por sua vez, divide-se entre o lado esquerdo e direito da página três. Ela constrói visualmente o líder de todo o cabedal de ideias que busca a adesão do leitor.

Mas a presença maior de imagens está na última página. No alto da página uma foto identifica o “heroico integralista” que protagoniza o desenho da abertura do jornal; uma foto simples de busto que traz a estampa do emblema no braço esquerdo. Outra fotografia liga-se a manchete no alto da página “Vitória dos nacionalistas espanhóis”, mostrando a marcha de soldados. Duas fotografias ainda notificam um falecimento de uma jovem integralista e outra identifica um industrial questionado no artigo pelo jornal. Uma última fotografia mostra um crime brutal “Barbaramente assassinado a golpes de picareta”; exhibe a vítima e a picareta assinalando o ato criminoso.

Na publicidade há apenas um desenho ilustrando a propaganda de uma fábrica de materiais para construção civil.

---

p. 01. Disponível em: <<http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

<sup>16</sup> ACÇÃO, São Paulo, n° 1, 07 de outubro de 1936.

Outros se apresentam com o emblema do partido: um situa-se no cabeçalho das instruções do evento, “Noite dos Tambores Silenciosos”, e outro no anúncio de venda de etiquetas engomadas com o símbolo do Integralismo.

A partir da observação e descrição é possível levantar a hipótese de que as imagens na edição acompanharam a estratégia de capa e fundo. A maior quantidade e as imagens mais impactantes situam-se na primeira e última página, ambas as mais visíveis para o leitor. Outra observação é o desenho das letras que, no geral, possuem diversidade nos títulos. Isto sinaliza a importância dada pelos integralistas para as técnicas de propaganda de inspiração fascista que apostavam na força pedagógica das imagens.

Há poucos anúncios e pequenos destaques. Se compararmos a primeira edição com as edições posteriores é possível supor que naquele momento o jornal ainda buscava patrocínios por intermédio da venda de espaços para anúncios. Nessa primeira publicação não há espaços e páginas específicos. Em um dos anúncios, lê-se o seguinte: “A Cidade de Florenza, camisas verdes (grifo meu) feitas sob medida. Aceitamos pedidos do Interior. Rua 15 de novembro, 3. São Paulo”<sup>17</sup>. Totalmente direcionada aos interesses dos integralistas, a propaganda trata de vestimentas para o partido, da

revista *Anauê!* e da indústria.

Há diversos direcionamentos nos artigos do jornal. Explicitamente há referência ao grupo dos integralistas e as defesas do partido no jogo político. Porém, essa referência não se restringe ao local de origem, a cidade São Paulo. Há outras falas direcionadas ao país, grandes centros e o interior, como sugerem o anúncio da venda de camisas verdes e nas instruções para a cerimônia da “Noite dos tambores silenciosos”.

É possível supor que a circulação do jornal fosse nacional, pois o evento integralista deveria ocorrer em todo o país, construindo como destinatário não somente o leitor da capital, mas também os leitores das pequenas cidades do país.

A proposta de construir uma rede de comunicação entre os integralistas é evidente. Mas pode-se indagar se o jornal se destinaria somente ao grupo; se circulou apenas em espaço urbano onde mais pessoas teriam acesso aos apelos integralistas, ou se haveria na narrativa do jornal um atrativo para não integralistas. Como estratégia argumentativa o jornal busca a “neutralidade”. Suas posições não são apresentadas como posições do grupo integralista. Suas ideias são as ideias certas, universais e naturais.

Já os comunistas, construídos como inimigos, são a ameaça aos bons costumes morais, à família e a lei do país. Essa fala cria uma situação em que o conflito encontra-se nos outros, e os outros são a grande ameaça ao grupo e a sociedade. Por isso é possível indicar que o impessoal além de consolidação de uma rede

<sup>17</sup> *ACÇÃO*, São Paulo, nº 1, 07 de outubro de 1936. p. 05. Disponível em: <<http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

integralista atuante, possuía também o objetivo de agregar novos adeptos, funcionando como um poderoso instrumento de construção de um caminho viável e seguro a ser percorrido.

Outra estratégia que se destina a consolidação desse projeto político, pode ser observada em quase todas as páginas através de pequenos quadros com um número: “1.019”, “413”, “671” e etc. que aos poucos se constroem como um dado importante para o convencimento do leitor. Tais números aparecem relacionados ao nome de uma cidade e com o seguinte informe:

“221” O sr. José Moraes, chefe do núcleo integralista do município de Itápolis comunica-nos que naquela cidade se inscreveram mais de 221 brasileiros. É essa a melhor resposta às perseguições que fazem aos “camisas-verdes”.<sup>18</sup>

Ou,

“1.019” O Chefe Nacional recebeu um telegrama do Núcleo do Rio do Sul, província de Santa Catarina, informando-o que depois das perseguições aos integralistas baianos, mais de 1.019 brasileiros, naquela cidade, aderiram ao Integralismo<sup>19</sup>.

Essas notas que acompanham todo o jornal projetam a sensação de consenso e mobilização. Para os leitores não integralistas reforçava-se o sentimento

do não pertencimento ao círculo do qual “todos” participam; para aqueles que já se identificam e lutam com a “camisa-verde” há fortalecimento da noção de pertencimento transformando a perseguição sofrida em vitória.

Definido como legítimo porta voz do Integralismo, o jornal quer alcançar pessoas/leitores que não partilham daquelas ideias, pela força de convencimento e demonstração de poder aos “inimigos”, como podemos perceber no texto de apresentação do evento comemorativo do grupo:

Neste dia 7 de Outubro, IV aniversário do nosso Manifesto e II aniversário do sacrifício cristão da Praça da Sé, onde tombaram mortos, pelos comunistas, Caetano Spinelli e Jayme Guimarães, com o pensamento neles e em Nicola Rosica, primeiro mártir, que caiu ao meu lado, em Bauru, é com profunda emoção que me dirijo aos paulistas nas colunas do primeiro número do diário integralista da minha Província natal. Este é o diário integralista do Brasil, onde já se publicam também uma centena de semanários do Sigma, uma revista ilustrada e uma de alta cultura. Plínio Salgado<sup>20</sup>.

O encontro desses dois eventos na mesma data – o quarto aniversário do lançamento do manifesto de outubro e a morte de três militantes há dois anos – leva o jornal a projetar um evento de

<sup>18</sup> ACÇÃO, São Paulo, nº 1, 07 de outubro de 1936. p. 02. Disponível em: <<http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

<sup>19</sup> ACÇÃO, São Paulo, nº 1, 07 de outubro de 1936. p. 04. Disponível em: <<http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

<sup>20</sup> ACÇÃO, São Paulo, nº 1, 07 de outubro de 1936. p. 03. Disponível em: <<http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

demanda nacional. Direcionado a todos os Integralistas a “Noite dos Tambores Silenciosos” pretendeu reunir todos – os companheiros – da nação em um mesmo horário e dia:

Esta cerimônia foi instituída para lembrar por todo o sempre, a amargura dos camisas-verdes pela extinção de sua Milícia. Essa milícia, como se sabe, era desarmada e seu fim era preparar a Mocidade Brasileira espiritual, moral, cívica e fisicamente para em qualquer circunstância jamais permitir que sucedesse, no Brasil, o que está acontecendo na Espanha. Os camisas-verdes são, porém, obedientes as leis do país<sup>21</sup>.

Lembrar para todo o sempre que a AIB existia e crescia após o levante comunista de 1935, foi a forma de lutarem contra a radicalização da conjuntura política, onde vários estados haviam fechado sedes do partido, conforme MAIO e CYTRYNOWICZ<sup>22</sup>.

A dissolução das milícias integralistas, a perseguição aos integralistas na Bahia e o cenário europeu são noticiados para reforçar a ideologia do partido. Há várias citações de notícias internacionais e pequenas informações locais ou nacionais. Percebe-se que se articulam ao grande tema central do jornal, ainda

que em alguns momentos os integralistas não sejam citados de maneira explícita. Como podemos perceber nessa pequena citação:

#### **Os fascistas ingleses serão garantidos pelo governo**

LONDRES, 6 (H.). – Os círculos oficiais desmentem formalmente a informação segundo a qual o governo encarava a dissolução dos agrupamentos fascistas britânicos<sup>23</sup>.

Devido o fechamento da AIB no estado da Bahia e da proibição do uso das camisas-verdes em Pernambuco, a suposta tolerância do governo britânico é anunciada para tranquilizar os leitores e protestar contra a ação das autoridades brasileiras.

#### **Ação como ato de enunciação: a construção de sujeitos sociais**

A organização da Ação Integralista Brasileira foi gestada em um período de tensões que caracterizou o momento compreendido entre a queda da hegemonia política das oligarquias estaduais de Minas Gerais e São Paulo e o golpe do Estado Novo em 1937, anos de imprecisão que deram margem ao surgimento de grupos críticos ao sistema político vigente, que tentavam “galvanizar a sociedade com a ideia de mudança”<sup>24</sup>.

<sup>21</sup> ACÇÃO, São Paulo, n° 1, 07 de outubro de 1936. p. 04. Disponível em: <<http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

<sup>22</sup> CYTRYNOWICZ, Roney; MAIO, Marcos Chor. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves (Org.). *O Brasil Republicano 2*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007, p. 43.

<sup>23</sup> ACÇÃO, São Paulo, n° 1, 07 de outubro de 1936. p. 02. Disponível em: <<http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

<sup>24</sup> CYTRYNOWICZ, Roney; MAIO, Marcos Chor. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jor-

Em *Razão da nossa força*, o chefe nacional do partido Plínio Salgado explicita os principais posicionamentos do partido e suas funções sociais. A AIB aparece como o partido da boa conduta humana, da moral, do bem, do sofrimento pelas perseguições que precisam ser superadas. A fala autoritária de Plínio Salgado constrói os integralistas como adeptos da legalidade e que apesar das injustiças que estariam sofrendo estão destinados ao triunfo no futuro.

No jogo político instaurado pelo jornal lança-se mão de uma dualidade: de um lado os integralistas, partido legal afinado com o “bem”, a moral cristã e aos poderes constituídos; e de outro seus inimigos, os comunistas. Mas, é na construção de temporalidade que toda a mística integralista funciona como um caminho triunfante no presente sobre as forças de um passado superado e um futuro como continuidade deste presente glorioso representado pelo movimento integralista. Acompanhemos a versão integralista para a história da imprensa:

Libertário anteontem, comunista ontem, integralista hoje. Que sequência maravilhosa na história destas máquinas! [...] E a máquina que anteontem tartamudeava as notícias do partidarismo tradicional, que ontem berrava as ameaças comunistas, hoje e amanhã divulgará pelo país toda a palavra integralista da redenção nacional <sup>25</sup>.

ge; DELGADO, Lucília de A. Neves (Org.). *O Brasil Republicano* 2. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 42.

<sup>25</sup> REALE, Miguel. O destino nas máquinas. *ACÇÃO*, São Paulo, n° 1, 07 de outubro de 1936. p.

Miguel Reale, assim como as lideranças integralistas, fazia apologia à imprensa, pois acreditava plenamente na sua capacidade de doutrinação. Percebemos está mesma concepção no artigo de Plínio Salgado:

Tudo se poderá negar ao Integralismo, porém uma coisa não se pode mais negar: - que ele constitui hoje o maior partido da República [...] O que já não se pode negar é que somos uma força nacional. O ‘partido nacional’, sonho frustrado de Ruy Barbosa, Pinheiro Machado, Nilo Peçanha, está realizado pelo Integralismo. E, que é mais extraordinário, o ‘partido nacional’ constitui apenas um dos aspectos do nosso prodigioso movimento, pois somos, além disso, uma ‘ação cultural’, uma ‘ação educacional’, uma ‘ação social’ [...] Neste dia 7 de Outubro, IV aniversário do nosso Manifesto e II aniversário do sacrifício cristão da Praça da Sé, onde tombaram mortos, pelos comunistas, Caetano Spinelli e Jayme Guimarães, com o pensamento neles e em Nicola Rosica, primeiro mártir, que caiu ao meu lado, em Bauru, é com profunda emoção que me dirijo aos paulistas nas colunas do primeiro número do diário integralista da minha Província natal. Este é o diário integralista do Brasil, onde já se publicam também uma centena de semanários do Sigma, uma revista ilustrada e uma de alta cultura<sup>26</sup>.

01. Disponível em: < <http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

<sup>26</sup> SALGADO, Plínio. Razões de nossa força. *ACÇÃO*, São Paulo, n° 1, 07 de outubro de 1936. p. 03. Disponível em: < <http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.



A revista *Anauê*, seria a revista ilustrada destinada ao grande público. Era publicada no Rio de Janeiro e tendo Manoel Ferraz Hasslocher como diretor. *Panorama*<sup>27</sup> era a revista de alta cultura voltada para a elite do movimento. Seu diretor também era Miguel Reale<sup>28</sup>.

A construção de temporalidade aparece principalmente em um passado e presente em que são perseguidos. Grandes vítimas de injustiça. Seja em tentativas fracassadas no passado, onde tombaram mártires pela causa integralista, o presente torna-se o momento de renovação e de novas ações. O Integralismo quer agir e necessita de todos, é ação. Por isso o presente é sempre de triunfo. Triunfar significa o aumento do número de pessoas adeptas ao integralismo, pois segundo o jornal as perseguições na Bahia e Pernambuco têm levado somente ao crescimento do partido – lembre-se dos números apresentando dados do crescimento de adeptos no país. Mais ainda, para justificar a criação do jornal, como aparece nos artigos *Razões de nossa força*, de Plínio Salgado e no *O destino das máquinas*, do próprio diretor Miguel Reale, por exemplo:

O Integralismo cresceu em São Paulo sem imprensa. O movimento foi feito

pelo livro e pela oratória. Atacados por muitos, ridicularizados por alguns, não dando importância às intrigas, nós crescemos. Hoje somos uma força indiscutível.

Este jornal surge para revelar força nacional, que nem todos conhecem em São Paulo, devido à astuciosa campanha do silêncio que tem sido feita em torno de nós<sup>29</sup>.

O evento *A Noite dos Tambores Silenciosos* evidencia a vontade de transformar uma derrota no presente – o fechamento das milícias integralistas em demonstração de força, em triunfo. Os integralistas são construídos como salvadores da nação e os únicos capazes de deter o perigo comunista e judeu. Diz ainda Plínio Salgado:

Integralismo movimentava toda esta máquina da salvação nacional através de uma organização perfeita, cujo segredo de funcionamento resiste a quaisquer perseguições por mais violentas que sejam. Esse segredo reside na milagrosa ‘mística’ de nosso movimento. Quem duvidar disso que assista um dia à morte de um camisa-verde, já não digo de um camisa-verde tombado pelos comunistas, mas de um camisa-verde que morre de morte natural<sup>30</sup>.

<sup>27</sup> *Panorama*, São Paulo, 1935. Não há conhecimento de edições digitalizadas e disponíveis na internet.

<sup>28</sup> LEAL, Carine de Souza. *Imprensa integralista (1932-1937): propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30*. 2006. Monografia (graduação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006.

<sup>29</sup> REALE, Miguel. *O destino nas máquinas*. ACÇÃO, São Paulo, n° 1, 07 de outubro de 1936. p. 01. Disponível em: <<http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

<sup>30</sup> SALGADO, Plínio. *Razões de nossa força*. ACÇÃO, São Paulo, n° 1, 07 de outubro de 1936. p. 03. Disponível em: <<http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.



Vitimados e perseguidos, os integralistas são os indivíduos que carregam a força da resistência por possuírem consigo a “máquina da salvação nacional”, ou seja, a imprensa e a própria máquina partidária que se estruturava nacionalmente. Por outro lado, os integralistas sofrem perseguições pela incompreensão e injustiça dos outros, o que justifica seu ideal de luta e resistência mobilizando referências no sofrimento cristão.

**Os comunistas estão agindo. PRISÃO, NO RIO DE JANEIRO, DE VÁRIOS ADEPTOS DO CREDO VERMELHO – O SELO DO ‘SOCORRO VERMELHO’.** Apesar da campanha que os responsáveis pela ordem pública movem contra os ‘asseclas’ de Moscou, estes não descansam procurando, por hábeis ‘camuflages’ constituir centro de onde possam expandir as suas idéias e cumprir as ordens do Kuomintern<sup>31</sup>.

Oposição, perigo e inimigos da ordem pública. Assim, os comunistas aparecem como o contraste do que se propõem os integralistas. Ideias que vem de fora, dos “asseclas de Moscou” que recebem ordens do Kuomintern, são um perigo para a nação, por serem ideias importadas.

A proposta dos Integralistas, nesse sentido, volta-se para o Brasil. Citam-se situações na Europa, como o caso de Madrid (referência à Guerra Civil Espanhola) para alimentar o sentimento de

nacionalismo. Por outro lado, criticam qualquer alinhamento com ideias externas, tal como os comunistas. Por isso, os outros e os inimigos são sempre aqueles que colocam os bons costumes (família, pátria e religião), a ordem e a nação em risco. Quando citados os inimigos, faz-se alusão ao perigo que representam em meio à necessidade de clarearem seus planos, como aparece na oração integralista:

Senhor, escutai a prece dos três mil tambores que estão rufando neste instante em todo o mapa da Pátria. Ajudai-nos a construir a Grande Nação Cristã; inspira-nos nas horas de dúvida e da confusão; fortalecei-nos nas horas do sofrimento, da calúnia e da injustiça; esclarecei nossos inimigos para que eles compreendam quanto desejamos a sua própria felicidade; defendei nosso Chefe e nossa Bandeira e levar ao triunfo pelo Bem do Brasil<sup>32</sup>.

Nas páginas do jornal *Acção* acompanha-se o projeto político que busca consolidar o Integralismo. O jornal constrói a AIB como o único partido nacional, salvador dos bons costumes cristãos e que crescia rapidamente. Apresenta um diagnóstico preciso e sem mistério algum: só haverá o “triunfo” onde o Integralismo estiver presente.

A criação do jornal *Acção* é justificada pela necessidade de uma imprensa legítima que, além de falar sobre o In-

<sup>31</sup> ACÇÃO, São Paulo, n° 1, 07 de outubro de 1936. p. 01. Disponível em: <<http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

<sup>32</sup> ACÇÃO, São Paulo, n° 1, 07 de outubro de 1936. p. 04. Disponível em: <<http://www.arquivodoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

tegralismo, noticie a “verdade”. Tudo parece confluir e o momento é oportuno: a data de lançamento é simbólica e os acontecimentos narrados pelo jornal criam muito bem a tônica de uma extrema necessidade, legitimando sua existência e a do partido. É ainda curto e breve, mas aproveita-se de cada espaço entre as páginas para dizer o que o grupo pensa e a que veio. Faz referências à outras notícias nacionais e internacionais através de correspondentes e citações e, claro, seleciona muito bem todas essas informações.

Assim, não são casuais, por exemplo, as notícias de mortes e atos violentos entre o jornal. Mesmo com um posicionamento político explícito e o seu direcionamento ao público almejado – os integralistas – o jornal pretende falar de assuntos diversos, como esportes e diversão e isso demonstra o alinhamento entre o jornal *Acção* e certo modo de se fazer imprensa naquele período.

Por fim, é preciso referenciar a presente descrição e interpretação do impresso no cenário brasileiro na década de 1930, momento de ascensão do Integralismo. Pois só há o sentido pleno, se compreendemos qual o destinatário dessas propostas. Nesse caso, 1936 foi um momento decisivo para o movimento. Daí a posição estratégica assumida pela fundação do jornal *Acção*.

As reflexões aqui esboçadas objetivaram exercitar uma metodologia proposta para análise de jornal que valoriza o trabalho com as especificidades da imprensa. Ainda que pontual, o presente

exercício é fundamental para uma iniciação ao tratamento de fontes históricas a partir da quantidade razoável de acervos documentais digitalizados disponíveis para consulta pública e que pode suprir, em parte, a dificuldade de acesso a documentos em cidades que ainda não dispõem de arquivos organizados.

### Fonte

ACÇÃO, nº 1, 07 de outubro de 1936. Disponível em: <<http://www.arquivo-doestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

### Referências bibliográficas

BARBOSA, Jefferson R. A imprensa integralista e sua propaganda política no jornal *Acção* (1936-1938). *Anais do V ENLEPICC*. Salvador: Faculdade Social da Bahia, 2005. Disponível em: <<http://www.rp-bahia.com.br/biblioteca/pdf/JeffersonRodriguesBarbosa.pdf>> Acesso: 05/05/2011.

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. Neves (Org.). *O Brasil Republicano 2*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 107-143.

CRUZ, Heloísa de; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e imprensa. In: *Projeto História*, São Paulo, n.35, dezembro 2007. p. 253-270.

CYTRYNOWICZ, Roney; MAIO, Marcos Chor. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves (Org.). *O Brasil Republicano 2*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 39-61.

TRINDADE, Héglio. Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30. In: FAUSTO, Boris (Org.). *O Brasil Republicano: sociedade e política (1930-1964)*. 4 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. (Col. História Geral da Civilização Brasileira; t.3;v.10.)

LEAL, Carine de Souza. *Imprensa integralista (1932-1937): propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30*. 2006. Monografia (graduação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006.

LENHARO, Alcir. Pátria como família. In: *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986, pp. 19-51.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 111-154.

RAMOS, Alexandre Pinheiro. Fotografias do Integralismo para além do Integralismo: breves análises e propostas. *Revista de História*. Juiz de Fora, v. 30, n. 1, 2010, pp. 47-64.

SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista *Anauê!*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, n. 50, 2005, pp. 61-95.

